


DEBATE ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA OBRA “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”, DE LIMA BARRETO

ETHNIC-RACIAL DEBATE IN GEOGRAPHY EDUCATION: A REFLECTION BASED ON THE WORK “THE SAD END OF POLICARPO QUARESMA” BY LIMA BARRETO

DEBATE ÉTNICO-RACIAL EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: UNA REFLEXIÓN A PARTIR DE LA OBRA “EL TRISTE FIN DE POLICARPO QUARESMA”, DE LIMA BARRETO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-328>

Data de submissão: 29/06/2025

Data de publicação: 29/07/2025

Anderson Felipe Leite dos Santos

Professor Assistente do Curso de Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: andersonsantos@frn.uespi.br

Carla Vanessa Silva Santos

Graduanda em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: cvss290@aluno.uespi.br

Cleyton Alves da Rocha

Graduando em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: cleytondarocha@aluno.uespi.br

Jamile Ferreira da Silva

Graduanda em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: jamille31oficial.com@gmail.com

Rita Elanne Martins Santana

Graduanda em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: remartinssantana@aluno.uespi.br

Manoel Domingos Ferreira Borges

Graduando em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: m_d_ferreira_b@aluno.uespi.br

Sônia Maria Santos da Silva

Graduanda em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Piauí
E-mail: soniamariadas@aluno.uespi.br

Joaquina Maria Leite da Silva

Graduanda em Geografia

Instituição: Universidade Estadual do Piauí

E-mail: joaquinamleitedas@aluno.uespi.br

Kauanne Antonia Martins Ferraz

Graduanda em Geografia

Instituição: Universidade Estadual do Piauí

E-mail: kauanneantoniam@gmail.com

RESUMO

A Geografia, há muito tempo, tem dedicado espaço à arte, especialmente à literatura. Ao analisar uma obra artística literária, é possível compreender a espacialidade e a geofiticidade enquanto elementos presentes em qualquer narrativa ou manifestação cultural. Partindo dessa contextualização, este trabalho tem como objetivo central refletir e apresentar como podemos pensar uma Geografia descolonial a partir do debate racial presente na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1915), de Lima Barreto. Além disso, busca-se mostrar possibilidades de uso de estratégias didático-pedagógicas no enfoque da temática étnico-racial utilizando o longa-metragem do livro e a construção de paródias. Metodologicamente, optou-se por uma abordagem qualitativa e pelo método exploratório da obra em questão. Como resultados, constatou-se que a obra relata, de forma sensível, a trajetória do negro e suas experiências, retratando a linha tênue entre a memória negativa daquilo que foi feito ao negro e a desconstrução desse sujeito sob figuras tão sombrias, o que permite visualizar uma representação multifacetada. Portanto, didatizar esse tipo de ferramenta nas aulas de Geografia, por meio da construção de propostas pedagógicas como as paródias, pode ser um dos caminhos para superar a representação negativa e estereotipada do negro ainda presente em diversos contextos.

Palavras-chave: Descolonial. Étnico-Racial. Ensino de Geografia. Literatura. Metodologias de Ensino.

ABSTRACT

Geography has long dedicated space to art, especially literature. By analyzing a literary artistic work, it is possible to understand spatiality and geographicity as elements present in any narrative or cultural manifestation. Based on this context, this study aims to reflect on and present how we can think of a decolonial Geography through the racial debate in Lima Barreto's “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1915). Furthermore, it seeks to explore possibilities for using didactic-pedagogical strategies focused on ethnic-racial themes by employing the film adaptation of the book and the creation of parodies. Methodologically, a qualitative approach and an exploratory method of the work in question were chosen. The results show that the work sensitively portrays the trajectory and experiences of Black people, depicting the thin line between the negative memory of what was done to Black people and the deconstruction of this subject under such dark images, which allows for a multifaceted representation. Therefore, incorporating this type of tool in Geography classes through the development of pedagogical proposals such as parodies can be one way to overcome the negative and stereotyped representation of Black people still present in various contexts.

Keywords: Decolonial. Ethnic-Racial. Teaching of Geography. Literature. Teaching Methodologies.

RESUMEN

La Geografía, desde hace mucho tiempo, ha dedicado espacio al arte, especialmente a la literatura. Al analizar una obra artística literaria, es posible comprender la espacialidad y la geofiticidad como

elementos presentes en cualquier narrativa o manifestación cultural. Partiendo de este contexto, el presente trabajo tiene como objetivo central reflexionar y presentar cómo podemos pensar una Geografía descolonial a partir del debate racial presente en la obra “Triste fin de Policarpo Quaresma” (1915), de Lima Barreto. Además, se busca mostrar posibilidades de uso de estrategias didáctico-pedagógicas enfocadas en la temática étnico-racial, utilizando el largometraje basado en el libro y la construcción de parodias. Metodológicamente, se optó por un enfoque cualitativo y por un método exploratorio de la obra en cuestión. Como resultados, se constató que la obra relata, de forma sensible, la trayectoria del negro y sus experiencias, retratando la delgada línea entre la memoria negativa de lo que se hizo al negro y la deconstrucción de este sujeto bajo figuras tan sombrías, lo que permite visualizar una representación multifacética. Por lo tanto, didactizar este tipo de herramienta en las clases de Geografía, mediante la construcción de propuestas pedagógicas como las parodias, puede ser uno de los caminos para superar la representación negativa y estereotipada del negro aún presente en diversos contextos.

Palabras clave: Descolonial. Étnico-Racial. Enseñanza de la Geografía. Literatura. Metodologías de Enseñanza.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, os estudos geográficos voltados à análise de obras literárias — como crônicas, poesias e romances — começaram na década de 1940, com geógrafos franceses (Suzuki, 2017). Nesse sentido, percebe-se que a união entre a Geografia e a Literatura abre um leque de oportunidades para compreender a condição humana em diferentes espaços e temporalidades. De acordo com Cavalcante (2020, p. 193),

Na constituição da geografia literária, tanto estudiosos da geografia como da literatura pensam nas possíveis relações entre o espaço e a palavra escrita. De um lado, o olhar geográfico no entendimento dos textos literários, do outro, a compreensão literária do problema do espaço. Ambos empenhados na apreensão do mundo. O que temos são as diferentes formas de como a literatura amplia a nossa compreensão do espaço geográfico ou mesmo os modos como a geografia adensa os mapas das tramas literárias.

Escritores de obras literárias, como Lima Barreto, refletem uma visão de vida e de ser social numa determinada sociedade e período histórico. Partindo desse pressuposto, este trabalho tem como objetivo compreender, a partir de um olhar geográfico, o debate racial presente na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Além disso, busca-se propor duas atividades pedagógicas – assistir ao longa-metragem *Policarpo Quaresma, herói do Brasil* (1998), fazer uma resenha, debater na sala as resenhas, e elaborar uma paródia, que contribua para o desenvolvimento do debate étnico-racial no contexto escolar, articulando Geografia e Literatura.

Acreditando que não podemos assistir a toda essa avalanche de acontecimentos noticiadas constantemente na mídia de racismo, de forma taciturna, como se ainda usássemos correntes ou máscaras de ferro, análogas aos utensílios que, outrora, impediam os escravizados de falar, devemos nos mobilizar em prol da mudança. Sobretudo como educadores, diante dos diversos papéis que exercemos na docência, destacamos a promoção das noções de igualdade entre os diversos grupos sociais, tema habitualmente discutido nos documentos norteadores da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

Nesse contexto, percebe-se que a abordagem descolonial tem se consolidado como um campo crítico no âmbito das ciências humanas e sociais, desafiando as heranças da modernidade/colonialidade, que ainda estruturam as práticas de poder, conhecimento e ser. De acordo com Santos (2024, p. 3), “pensar as relações de poder, as desigualdades, as formas de opressões, as dimensões políticas e a historicidade está no centro do pensar descolonial”. No Brasil, essa perspectiva tem se mostrado especialmente relevante ao problematizar as formas de produção e apropriação do território, particularmente no que diz respeito às populações indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais.

Sendo assim, a abordagem descolonial não apenas amplia a compreensão crítica do território, como também aponta caminhos para práticas transformadoras que promovam justiça social e espacial (Cruz, 2017). Ao articular teoria e prática, o trabalho desenvolvido contribui para um diálogo interdisciplinar que questiona os alicerces coloniais da geografia e das políticas públicas no Brasil, propondo uma perspectiva emancipatória para os territórios e as populações que os habitam.

Destacamos a importância desta pesquisa ao enfatizar a Lei n. 10.639/2003, que tornou obrigatório, em todo o país, o ensino de História e de Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas (Brasil, 2003). É cada vez mais necessário dispor de esforços para levar essas discussões aos diversos espaços que ocupamos, principalmente diante do clima atual, em que se questiona a formação da hierarquia social vigente e ganha força um campo de insurgência das vozes historicamente oprimidas.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO LIBERTADORA – O PERFIL DA ESCOLA ATUAL E OS CAMINHOS PARA A DIDATIZAÇÃO DAS NOÇÕES DE MARGINALIZAÇÃO E A HIERARQUIA SOCIAL NAS AULAS DE GEOGRAFIA

A escola é considerada uma das mais importantes instituições formadoras do ser humano em todo o mundo. Ao refletirmos sobre seu papel na sociedade, observamos que ela contribui para o desenvolvimento de indivíduos em diversas dimensões, indo muito além do simples repasse e da aquisição de conhecimentos gerais (Saviani, 2022).

Na contemporaneidade, diante da diversidade observada em cada sala de aula, faz-se necessário ampliar as múltiplas visões e os papéis exercidos por essa instituição, transpondo as variadas realidades existentes no mundo para o contexto escolar, tratando-as como materiais a serem didatizados, contribuindo, assim, para o entendimento e o exercício da cidadania. Pode-se dizer que, hoje, as escolas se organizam como espaços de troca de conhecimentos e experiências. De acordo com Cavalcanti (1999, p. 42),

O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas.

Saviani (2011) aponta que, hoje, a escola carrega a responsabilidade de servir como meio para a melhoria das condições de vida, especialmente para grupos sociais menos favorecidos. A chamada pedagogia progressista está em voga, e o paradigma que visualizamos nos dias atuais tende a valorizar as diversidades, aproveitar as multiplicidades de linguagens e considerar a subjetividade do indivíduo.

Corroboramos essa perspectiva, que reconhece a subjetividade e adota uma abordagem de ensino-aprendizagem em que aluno e professor usufruem de maior autonomia, pautada no diálogo e na adaptação para acolher as diversidades com as quais convivem.

A educação atual é compreendida como aquela que permite distinguir entre a condição biológica do indivíduo e a construção de sua humanidade, uma vez que “[...] o objeto da educação refere-se à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos” (Saviani, 2011, p. 13).

Saviani (2011) ainda nos fala sobre as funções essenciais da escola, das quais citamos: 1. Submeter a crítica intelectual os elementos constituintes das diferentes formações culturais; 2. Analisar, inicialmente, a cultura imediata de seus alunos, problematizando seus valores, explicitando a historicidade desses valores; 3. Incorporar em suas disciplinas estudos produzidos nas universidades, nos diferentes campos científicos.

Também entendidas como desafios, essas funções dependem, em parte, dos esforços do professor em planejar materiais capazes de concretizar um ensino-aprendizagem que incite o exercício de crítico e a indagação dos valores sociais nas aulas de Geografia. De acordo com Barbosa (2016, p. 83), “considerar o ensino de Geografia numa visão crítica é proporcionar ao estudante a leitura do mundo, ajudando-o a compreender que a nossa realidade é uma elaboração do social sobre a natureza”.

Freire (2019), em sua proposta de uma educação libertadora ou problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. Busca a “[...] emergência das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade [...]” (Freire, 2019, pp. 98–99). Assim, entendemos que a exposição dos educandos a nossa realidade social é um dos passos a serem tomados à caminho da educação que se identifica com esse perfil.

O professor que adota esse paradigma da educação busca, por meio do diálogo, promover situações de aprendizagem nas quais os alunos possam descobrir a realidade em que vivem. Ao problematizar situações concretas e propor uma leitura crítica das construções sociais e dos textos que cercam o cotidiano dos estudantes, ele os convida a perceber que, quanto mais a analisam, mais se aprofundam — e, nesse processo, terão de desnudar-se de seus mitos, ou reafirmá-los (Freire, 2019). É nesse movimento que reside o valor dessa prática.

A adoção de temas geradores – aqueles que, “[...] qualquer que seja a natureza de sua compreensão, como a ação por eles provocada, contêm em si a possibilidade desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (Freire, 2019, p. 130) – pode ser colocada no centro da mediação entre o educando e a realidade em que ele vive.

Citamos Freire (2019) novamente para ilustrar a importância de incitar o educando a problematizar sua realidade.

A escolha e organização do programa didático — inicialmente realizado pelo professor e, posteriormente, desenvolvido em conjunto com a turma — devem ser frisados nesse processo. A investigação deve ocorrer por meio de materiais didáticos que contenham elementos que gerem reflexões, revelando as construções que permeiam a sociedade. Como afirma Freire (2019, p. 54), “quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente”.

Para Freire (2019, p. 93) “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. É a práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Assim, entendemos a importância de refletir sobre o mundo em nossa volta para a libertação dos homens.

O professor de Geografia pode, nesse caminho, engajar-se na escolha de materiais que debatam questões como a marginalização de determinados grupos, a dinâmica racial, a construção histórica de identidades e preconceitos. Uma vez que dispõe desse material, ao aplicá-lo em suas aulas, deve conciliá-lo com uma postura que promova a construção de um ambiente favorável ao diálogo.

2.2 O PROCESSO DE MARGINALIZAÇÃO – O QUE TÊM A DIZER AS MINORIAS?

Podemos traçar a história do negro no Brasil a partir de sua vinda forçada da África, transportado nos porões dos navios negreiros em condições sub-humanas. Aqui, chegou como mercadoria, destinado à comercialização e ao trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar e café, como força motriz. A ele foi impetrado o caráter de coisa, desprovido de sensibilidade. Trata-se do período da escravidão, que Gomes (2019, p. 63) define como “uma chaga na história da humanidade”.

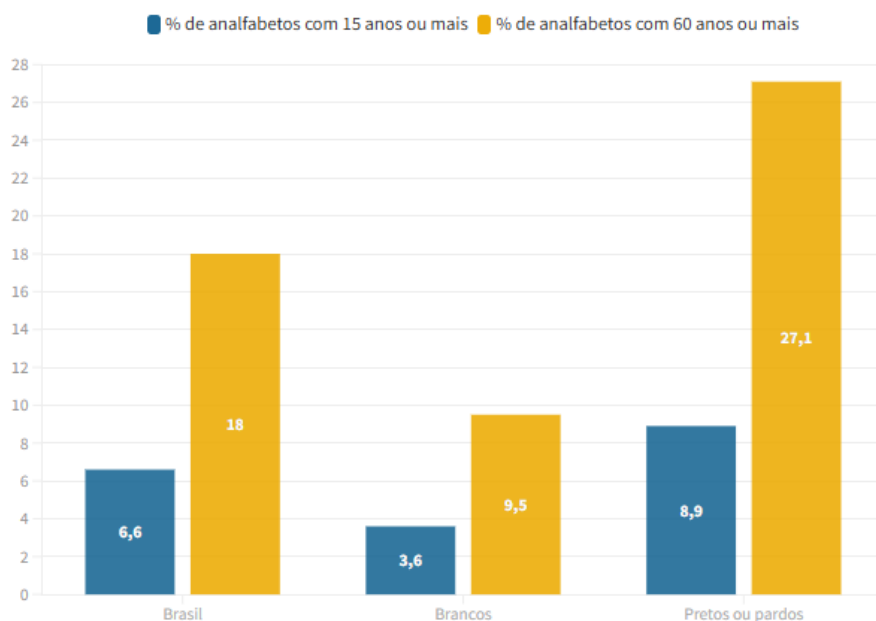
Mais tarde, com o surgimento das leis abolicionistas — quatro, ao todo, promulgadas de forma processual: Eusébio de Queirós (Brasil, 1850); Ventre Livre (Brasil, 1871); Sexagenário (Brasil, 1885); Áurea (Brasil, 1888) —, os negros, embora libertos, não tinham direito à cidadania plena e passaram a ocupar as periferias, ficando à margem da sociedade. É nesse contexto que surgem as favelas, majoritariamente habitadas por esses indivíduos. A esse respeito, Ruffato (2009, p. 12) justifica a situação geradora de discriminação social da qual o negro é vítima: “sem acesso à educação e acantonados no limiar da miséria, os afrodescendentes não se construíram como cidadãos; impedidos de agir como sujeitos da própria história, sucumbiram, pela força da opressão, a meros coadjuvantes da construção de uma identidade nacional”.

Atualmente, apesar de todas as transformações ocorridas na sociedade, o negro ainda vive em situação de opressão. Para atestar isso, basta analisar os dados da população carcerária, em que o maior percentual é composto por negros. Segundo notícia publicada no site da Câmara dos Deputados em 6 de julho de 2018, além da precariedade do sistema carcerário, as políticas de encarceramento e o aumento de pena voltam-se, via de regra, contra a população negra e pobre. Entre os presos, 61,7% são pretos ou pardos — lembrando que 53,63% da população brasileira se identifica dessa forma. Já os brancos, representam 37,22% dos presos, embora componham 45,48% da população (Calvi, 2018).

Em todos os dados estatísticos apresentados no Brasil, o negro ocupa um lugar de menor valia: é maioria no cárcere, figura entre as principais vítimas de homicídio nas áreas urbanas e apresenta os maiores índices de analfabetismo. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (PNAD Contínua) – categoria Educação 2019, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e publicada no portal de notícias UOL, 3,6% das pessoas brancas com 15 anos ou mais eram analfabetas (isto é, não sabiam ler ou escrever um bilhete simples). Entre as pessoas pretas ou pardas, essa taxa foi de 8,9%. No grupo com 60 anos ou mais, o analfabetismo atingia 9,5% entre os brancos, enquanto entre pretos ou pardos alcançava 27,1%. No total, 11 milhões de pessoas eram analfabetas no país em 2019 (Bermúdez, 2020).

Na Figura 1, é possível perceber que o analfabetismo entre os negros é quase três vezes maior do que entre brancos.

Figura 1. Analfabetismo entre os negros e brancos



Fonte: Bermúdez (2020) a partir do PNAD Contínua 2019/IBGE.

Diante do contexto apresentado, compreender que esse traçado histórico é o causador das mazelas que persistem até hoje na trajetória dos negros configura-se como ponto-chave para a conscientização quanto ao significado do processo de marginalização e das desigualdades em nosso país.

Dessa forma, levar os alunos a entender que a desigualdade não é algo natural, mas sim uma construção política com origens históricas, pode ser um dos caminhos para a mudança. A literatura de escritores negros relata, de forma sensível, a trajetória do povo negro e suas experiências, evidenciando a linha tênue entre a memória negativa do que foi imposto a esse sujeito e o esforço de desconstrução de figuras sombrias que ainda marcam sua representação. Portanto, didatizar esse tipo de ferramenta nas aulas de Geografia pode contribuir para a transformação desse paradigma.

3 METODOLOGIA

O escopo central deste trabalho é refletir e apresentar como podemos pensar uma Geografia descolonial a partir do debate racial presente no livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, publicado pela editora Ciranda Cultural. Busca-se, ainda, mostrar algumas possibilidades de uso de estratégias didático-pedagógicas para abordar a temática étnico-racial, como a utilização de longa-metragem e a construção de paródias. Metodologicamente, optou-se por uma abordagem qualitativa e pelo método exploratório da obra em questão.

Visando contemplar o objetivo da pesquisa, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre alguns aspectos da descolonialidade, a marginalização do negro e o papel da escola e do ensino de Geografia no debate sobre a questão étnico-racial no espaço escolar a partir da utilização da linguagem literária e de outras propostas pedagógicas, como longa-metragem e paródias. Para tanto, foram utilizados autores como: Bourdieu (1998); Cavalcante (2020); Cavalcanti (1999); Freire (2019); Moraes e Callai (2012); Saviani (2011, 2022); Silva (2009); Santos, Barbosa e Santos (2021).

No que concerne ao desenvolvimento deste estudo, foi utilizada uma leitura sistemática, de modo a obter as categorias necessárias para o aprofundamento e discussão acerca do tema aqui explanado. Para tanto, tomou-se como base a orientação de Salvador (1986) *apud* Lima e Miotto (2007). No primeiro momento, realizou-se uma leitura de reconhecimento do material; no segundo, uma leitura exploratória; no terceiro, uma leitura seletiva; posteriormente, uma leitura reflexiva crítica, e, por fim, uma leitura interpretativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da Educação Básica se faz necessário que os professores das diferentes disciplinas desenvolvam um debate interdisciplinar sobre os temas que envolvem o cotidiano dos estudantes. A questão étnico-racial, sem dúvida, deve ser abordada em todas as áreas do conhecimento, com o objetivo de sensibilizar os educandos para a valorização da cultura africana.

Tratando-se do ensino de Geografia e das questões étnico-raciais, é interessante utilizar diferentes linguagens para despertar o raciocínio geográfico e o olhar crítico do alunado. Nesse contexto, a literatura constitui uma forte aliada para o conhecimento das diversas realidades vividas pelos negros ao longo do tempo no Brasil. Segundo Moraes e Callai (2012, p. 7), “ao efetivar-se em texto, a Literatura dá, portanto, a imaginação, a roupagem das palavras para interligar tempos e espaços, autores e leitores em um gesto de comunicação solidária”.

Sendo assim, entende-se que nas obras literárias,

[...] a personagem de ficção é muito mais verdadeira do que a pessoa real, pois esta é obrigada a ocultar sua verdadeira essência, seus desejos mais recônditos, e a colocar a máscara que o seu status social requer; aquela, por ser fruto da imaginação, pode abrir-se para nós em toda a sua autenticidade, não constrangida por preceitos morais (Moraes; Callai, 2012, p. 7).

Em se tratando de personagens fictícios, nas obras de Lima Barreto, o escritor costuma retratar indivíduos que vivem nos subúrbios do Rio de Janeiro e se encontram em situação de vulnerabilidade social. Embora o autor tenha vivido no Brasil da Primeira República, período posterior à abolição da escravidão, o racismo permanecia latente. A maioria da população negra, marcada pela pobreza, migrava em massa da capital para as regiões periféricas do Rio de Janeiro.

No romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o protagonista — Policarpo Quaresma — é um servidor público que busca, de todas as formas, valorizar a cultura nacional durante o governo de Marechal Floriano Peixoto (1891–1894). Apesar de a língua oficial ser o português, Policarpo defendia que o tupi-guarani fosse adotado como língua oficial, argumentando que os povos indígenas já habitavam o território antes da chegada dos europeus. A obra revela, assim, um ultrapatriotismo e promove um debate acirrado sobre as questões políticas, culturais e sociais da época. Vale destacar que a questão racial aparece de forma secundária no romance, sendo os personagens negros pouco recorrentes, com exceção de Ricardo Coração dos Outros (Silva, 2009).

Recorrendo a trechos da obra, Santos (2009, pp. 57–58) descreve os únicos personagens negros, que aparecem de forma isolada na narrativa, com exceção de Ricardo Coração dos Outros:

[...] “um senhor baixo, magro... olhos pequenos, testa diminuta que sumia no cabelo áspero, forçando a fisionomia miúda e muda”. Ricardo é um tocador de viola, o qual concentra em si o que se pode considerar uma unidade dramática, posto que o seu problema é levado em conta pelo narrador que volta e meia o traz à tona. Os demais negros da obra são: Maria Rita, uma “preta velha” ex-escrava doente que mora com uma neta no subúrbio do Rio, “uma pretinha moça”; “o preto Anastácio”, ex-escravo que vive na família de Quaresma como um agregado; a lavadeira D. Alice, “rapariga preta” moradora da favela. Sinhá Chica, “uma rezadeira cafuza”; um “crioulo tocador de modinhas”, rival de Ricardo, apresentado sem nome; um feiticeiro, ex-escravo caracterizado pelo narrador como tendo “um grande rosto negro de mandingueiro”, este personagem também não tem nome próprio.

Embora os personagens negros apareçam de forma pontual e em situações isoladas na narrativa, é importante lembrar que Lima Barreto vivenciou o período que sucedeu a abolição da escravidão no Brasil e considerava a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, um dos dias mais felizes de sua vida. Para além disso, tratava-se de um militante negro, de origem humilde, que enfrentou inúmeras adversidades. Infelizmente, só conseguiu reconhecimento postumamente, quando sua produção passou a ser valorizada por seu caráter crítico-social. Hoje é considerado um dos grandes nomes da literatura nacional.

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o negro é visto “[...] enquanto cidadão que convive numa sociedade livre, na qual precisa aprender a lidar com a situação de preconceito, descaso político e falta de oportunidade” (Silva, 2009, p. 45). Dessa forma, percebe-se que os negros sempre enfrentaram inúmeras lutas no Brasil. Denunciar a segregação e combater o racismo não significa querer que a sociedade tenha “pena” dos negros, mas sim reivindicar a criação de políticas públicas — como as cotas nas universidades e o acesso a vagas em concursos públicos — para que essa parcela significativa da população possa ocupar espaços negados ao longo da história do país.

Na obra analisada, observa-se que os personagens brancos ocupavam lugares privilegiados na sociedade, integrando a classe média da época. A partir da análise da obra, e conforme apontado por Silva (2009), muitos desses personagens tiveram acesso à educação formal, cursaram o Ensino Superior e ingressaram em áreas de prestígio social, como Medicina, Direito e Odontologia. Outros estavam ligados diretamente ao meio político, o que também contribuía para sua inserção em posições sociais mais elevadas.

Silva (2009, p. 58) lista alguns personagens brancos presentes na obra, muitos deles ganham destaque ao longo do romance:

Os personagens brancos são vários, alguns aparecem de maneira muito rápida, ou são só citados. Dentre eles pode-se destacar: o major Quaresma, funcionário público, e sua irmã Adelaide, uma moça solteira que vive com o irmão e educada em colégio de freiras; o compadre de Quaresma, Vicente, um comerciante português e pai da afilhada de Quaresma, Olga e seu noivo, depois marido, o jovem médico Armando; o general Albernaz e sua esposa e filhas, d. Maricota, Quintona e seu noivo, o advogado Genelício, Zizi, Lala, Vivi, Ismênia e

seu noivo, o dentista Cavalcanti. Alguns nomes que, na narrativa, são referências da sociedade carioca do meio político: Dr. Bulhões, Tenente Marques, Lemos, Seu Castro, Doutor Campos, presidente da câmara de vereadores da comunidade próxima ao sítio Sossego e seu rival, o Tenente Antônio, além do marechal Floriano Peixoto. Há ainda um professor e poeta conhecedor e apaixonado por contos e adágios populares que não tem nome próprio.

Na contemporaneidade, apesar de todas as mudanças, como a implementação da política de cotas nas universidades, alguns cursos superiores, principalmente Medicina, ainda são ocupados majoritariamente por pessoas brancas, oriundas de famílias com condições financeiras de investir em capital cultural. A sociedade atual é prospectiva à agudização das diferenciações na formação socioeducacional, uma vez que a dimensão de sua realidade social é demasiadamente multifacetada e ponderada pelo fator econômico. De acordo com Bourdieu (1998, p. 42),

Na verdade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.

Nesse contexto, até hoje, quem nasce em famílias tradicionais tende a ter maiores chances de ingressar em cursos mais concorridos, ocupar cargos políticos de prestígio, e alcançar melhores condições econômicas e posições sociais. E quem é esse público? Geralmente, pessoas brancas. Para além disso, mesmo que um negro da periferia consiga concluir um curso como o de Medicina, por exemplo, ele terá mais dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e não terá o seu sobrenome valorizado da mesma forma que um colega branco da sua mesma turma, cujo nome já carrega o fato de ser filho de um médico renomado e amplamente conhecido na área.

Na obra, a inserção dos negros na vida social e econômica é bastante limitada, todos são pobres ou miseráveis. Sendo assim, de acordo com dados divulgados pela Agência de Notícias IBGE (2023), a desigualdade social no Brasil contemporâneo se mantém, qualquer que seja o nível de instrução. Em 2023, o rendimento-hora da população ocupada branca era aproximadamente 67,7% maior que o da população preta ou parda (Bello, 2024). Em 2022, a maior diferença estava no nível superior completo: R\$ 35,30 para brancos e R\$ 25,70 para pretos ou pardos (Belandi, 2023).

Como uma forma de instigar uma maior reflexão sobre a obra, o professor poderia passar o longa-metragem *Policarpo Quaresma, herói do Brasil* (1998), uma comédia que retrata algumas situações vivenciadas por Policarpo Quaresma, como a sua internação no hospício. O longa-metragem (Figura 2), possui duração de cerca de 2 horas e teve a direção de Paulo Thiago e o roteiro produzido por Alcione Araújo.

Figura 2. Cartaz do longa-metragem Policarpo Quaresma, herói do Brasil (1998)



Fonte: Adorocinema (1998).

Dessa forma, poderia ser solicitado aos estudantes que elaborassem uma resenha crítica sobre o longa-metragem, destacando os principais pontos abordados. Após a entrega, seria interessante realizar uma roda de debate em sala de aula, permitindo que os educandos compartilhem suas percepções e aprofundem a discussão coletiva.

Por fim, com o objetivo de promover o trabalho coletivo e evidenciar que o preconceito racial perpassa diferentes períodos da história do Brasil, o professor poderia propor que os estudantes elaborassem paródias abordando as questões étnico-raciais e o debate descolonial. De acordo com Santos, Barbosa e Santos (2021, p. 763),

O desenvolvimento do estudo tendo por base a composição de paródias sobre temáticas da realidade de vivência da sociedade brasileira em diferentes escalas geográficas, considerando principalmente a local, pode ser considerado uma forma de ressignificar o ensino da Geografia Escolar considerada, ainda por muitos, como uma disciplina apenas descritiva e conteudista. Tal estratégia leva aos estudantes a buscarem músicas de acordo com as suas predisposições, onde possam utilizar a estrutura – ou composição musical – para confeccionar paródias, a partir de aspectos das temáticas dispostas, com uma perspectiva lúdica e crítica sobre a realidade vivenciada pelos estudantes.

Para este trabalho, foi elaborada uma paródia a partir da música *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.

Letra da Paródia:¹

Paródia sobre a abordagem descolonial no território do Brasil

(com o ritmo de *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso)

[Intro – Aquarela do Brasil]

Brasil, meu Brasil,
Canta, canta, minha gente,
Brasil, é tempo de olhar diferente!

[Verso 1]

No coração do Brasil,
A luta nunca cessou,
Colonização deixou marcas,
Mas a resistência ficou.
Os saberes ancestrais,
Na floresta, no sertão,
Agora pedem passagem,
É hora de libertação!

[Refrão]

Brasil, descolonial!
E a história vai se reinventar!
Não é só apagar o velho,
É a memória reconstituir,
Descolonizar, levantar!
Brasil, Brasil,
A história é nossa e vai brilhar!

[Verso 2]

O povo negro e indígena,
Na terra, na luta e no chão,
Pediram por liberdade
E gritaram “não mais opressão!”
É na práxis do cotidiano
Que a mudança vai florescer,
Descolonial é a chave,
E o Brasil vai renascer!

[Refrão]

Brasil, descolonial!
A terra vai falar, vai cantar!
Tirar o peso da história
E deixar o povo comandar!
Descolonial, a revolução,
Brasil, é o nosso chão!

[Ponte]

Mas atenção, há diferença
Entre decolonizar e descolonizar,
Quem é que vai resgatar a memória?
Quem vai fazer a história respirar?
É mais que só uma teoria,
É transformar o nosso viver,
Resgatar a cultura
E o país reerguer!

¹ Letra da Paródia produzida por Kauanne Antonia Martins Ferraz, discente do curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí, *Campus* Floriano.

[Refrão]
Brasil, descolonial!
E a resistência vai vibrar!
Nos saberes e nas cores,
O futuro a gente vai pintar!
Descolonial é a verdade,
Brasil, é nossa identidade!

[Final]
Brasil, meu Brasil!
É tempo de recomeçar,
Decolonial, descolonial,
A revolução vai cantar!
Brasil, Brasil,
É a luta que vai triunfar!

A paródia pode ser utilizada como uma estratégia pedagógica para promover o aprendizado ativo e contextualizado da abordagem descolonial no território brasileiro. Esta prática de ensino valoriza elementos culturais e criativos, permitindo que os estudantes ressignifiquem conceitos complexos por meio da recriação de letras musicais conhecidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto apresentado, compreender que esse traçado histórico é responsável pelas mazelas que persistem até hoje na história dos negros no Brasil é um ponto-chave para a conscientização acerca do processo de marginalização e desigualdades no país. Nesse sentido, levar os alunos ao entendimento de que a desigualdade não é natural, e sim histórica e política, pode ser um dos caminhos para uma mudança.

A literatura de escritores negros, como Lima Barreto, relata de forma sensível a trajetória do negro e suas experiências. Suas obras retratam a linha tênue entre a memória negativa do que foi imposto ao negro e o esforço de desconstrução desse sujeito como figura sombria, abrindo espaço para representações mais plurais e complexas. Portanto, didatizar esse tipo de ferramenta nas aulas de Geografia, por meio da construção de propostas pedagógicas como a produção de paródias, pode ser um dos caminhos para romper esse paradigma e promover uma educação crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA. Cartaz do filme Policarpo Quaresma, o herói do Brasil. 1998. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-18703/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BARBOSA, M. E. S. A Geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82–113, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/8b7108d0af907f3ceb8c626552a56dfa7f3cc97e.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BARRETO, L. Triste fim de Policarpo Quaresma. 2. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.

BELANDI, C. Em 2022, rendimento-hora dos trabalhadores brancos (R\$ 20,0) era 61,4% maior que o dos pretos ou pardos (R\$12,4). Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 6 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38543-em-2022-rendimento-hora-dos-trabalhadores-brancos-r-20-0-era-61-4-maior-que-o-dos-pretos-ou-pardos-r-12-4>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BELLO, L. Em 2023, pobreza no país cai ao menor nível desde 2012. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42043-em-2023-pobreza-no-pais-cai-ao-menor-nivel-desde-2012>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BERMÚDEZ, A. C. Analfabetismo entre negros é quase o triplo entre brancos. UOL, São Paulo, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/07/15/analfabetismo-entre-negros-e-quase-tres-vezes-maior-do-que-entre-brancos.htm>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BOURDIEU, P. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Lei nº 581, de 4 de setembro de 1850. Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império. Rio de Janeiro, 1850. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos. Rio de Janeiro, 1871. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885. Regula a extinção gradual do elemento servil. Rio de Janeiro, 1885. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3270.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Rio de Janeiro, 1888. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CALVI, P. Comissão de direitos humanos, minorias e igualdade racial. Câmara dos Deputados, Brasília, 6 ago. 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CAVALCANTE, T. V. Por uma Geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leituras. Revista da ANPEGE, [s. l.], v. 16, n. 31, p. 191–201, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/12100>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CAVALCANTI, L. de S. A cidadania, o direito à cidade e a Geografia Escolar: elementos de Geografia para o estudo do espaço urbano. Revista GEOUSP: Espaço e Tempo, São Paulo, n. 5, p. 41–55, 1999. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/c703dc69-4ddb-44ac-b7e4-f5f2d8922393>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CRUZ, V. C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, V. C.; OLIVEIRA, D. A. (org.). Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 15–36.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOMES, L. Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de Indicadores Sociais 2023: uma análise das condições de vida da população brasileira. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/070903d82038130a93f0374ad a39f81d.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

LIMA, T. C. S. de.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37–45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MORAES, M. M. de; CALLAI, H. C. As possibilidades entre Literatura e Geografia. In: Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 14., e seus eventos integrados: Seminário Interinstitucional, 11.; Curso de Práticas Socioculturais Indisciplinares, 2.; Encontro Estadual de Formação de Professores, 1., 8–11 de maio de 2015, Cruz Alta, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre, 2015.

Disponível em:

<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2012/Linguagens%20e%20desenvolvimento%20socio-cultural/artigos/as%20possibilidades%20entre%20literatura%20e%20geografia%20.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

POLICARPO Quaresma, herói do Brasil. Direção: Paulo Thiago. Roteiro: Alcione Araújo. [S. l.]: Globo Filmes, 1998. 1 vídeo (123 min): son., color.

RUFFATO, L. Questões de pele. 1. ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SANTOS, A. F. L. dos. Abordagem descolonial e ensino de geografia: análise a partir de um livro didático do 5º ano. Revista GEOUSP: Espaço e Tempo, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 1–20, 2024.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/geo/a/cBGLmQBr4qCFCDwKHJ8tyGw/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SANTOS, A. F. L. dos; BARBOSA, A. M; SANTOS, B. G. O uso de paródias no ensino de Geografia no contexto da formação inicial. In: CASTRO, P. A. de et al. (org.). Escola em tempos de pandemia. 1. ed. Campina Grande: Realize Editora, 2022. p. 760–778. v. 3. E-book. Disponível em: <https://ns1.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/82266>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 44. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2022.

SILVA, C. C. da. Canaã e Triste fim de Policarpo Quaresma: dois momentos de representações do negro no Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8767>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SUZUKI, J. C. Geografia e literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, [s. l.], n. 5, p. 129–147, 2017. Disponível em:

<https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.